

Discuta o contributo da teoria actor-network para o conceito de organização

Rui Pedro Frias da Silva Correia

Fundamentos de Gestão, Mestrado em Gestão de Informação

I - Introdução

Este trabalho pretende estudar o contributo da teoria *actor-network* para o conceito de organização. Esta teoria (daqui em diante referenciada como TAN), também conhecida por sociologia da *translation*, foi idealizada por sociólogos do campo da sociologia da ciência e tecnologia e coloca a ênfase nos *mecanismos de poder*, considerando o poder como efeito e não como causa (Law, 1992).

Começa-se por fazer uma descrição das principais linhas base defendidas pela TAN, apresentando-se de seguida os contributos para o conceito de organização.

II – As bases da teoria *actor-network*

II.1 – Todos diferentes, todos iguais

A TAN sugere que, não há diferenças, em *natureza*, entre os diferentes elementos constituintes de uma sociedade. Deve-se olhar para materiais humanos e não-humanos sem pressupor a preexistência de um controlo de uns sobre os outros. Quer os materiais humanos, quer os não-humanos são, à partida, susceptíveis de explicarem determinado facto em estudo. Da mesma forma, numa sociedade, não há diferenças, em *natureza*, entre os “grandes” (poderosos, ricos) e os “pequenos”. A TAN defende que, se os “grandes” são grandes, então deve-se estudar o porquê de isto ser assim. Deve-se estudar como o poder, o tamanho, as organizações são geradas (Law, 1992).

Não há razão para assumir *a priori* que, o carácter da mudança ou da estabilidade social é determinada por humanos ou por não-humanos.

II.2 – Heterogeneidade material

A TAN considera que todas as entidades, famílias, organizações, objectos, pessoas, máquinas são *networks* ordenadas e estabilizadas de materiais heterogéneos, cuja resistência à ordenação, foi ultrapassada (Law, 1992, 1997). Por exemplo, este trabalho, é o resultado final de todo um processo que envolveu pesquisas, leitura de outros artigos, discussões, pensamentos, conciliação (ou ordenação) de todos estes factos, impressões e reimpressões para correcção de alguns detalhes, envolveu o computador e a impressora, e também o marcador para sublinhar certas frases, etc, etc. Da mesma forma, um telemóvel a ser utilizado implica não apenas a existência de um emissor e de um receptor, mas também todos os materiais constituintes dos próprios telemóveis (chips, plásticos) e a existência de uma rede de telecomunicações, e também a existência de condições atmosféricas e geográficas que permitam a comunicação, etc, etc. Ou seja, se olharmos à nossa volta, tudo é uma *network*, tudo é um efeito de uma *network*. Todo o universo constitui uma *network* que, por sua vez é constituída por outras *networks* que estão indissociadas, interligadas, entre si. E todas as *networks* são constituídas por materiais heterogéneos de toda a espécie: humanos, tecnológicos, naturais, etc.

A TAN considera então que *todo o social é nada mais do que networks ordenadas e estabilizadas de materiais heterogéneos* (Law, 1992). Com isto conclui-se que social não é apenas humano mas também não-humano – não existiria uma sociedade se não fossem as heterogeneidades das *networks* constituintes do social. E são estas *networks* constituintes do social que, participando nele, o moldam, contribuindo assim para uma *padronização do social*.

II.3 – O *actant* como elemento que realiza a agência

A TAN defende que não há separação entre humano e não-humano. Isto não significa que se deva tratar as pessoas como máquinas e vice-versa. Nem sequer se deve deixar de ter em conta as características próprias dos humanos e dos não-humanos. O que isto quer dizer é que não devemos considerar a existência de pessoas como algo apenas *humano*, nem devemos considerar a existência de máquinas como algo apenas *não-humano*. O que conta como pessoa é *um efeito gerado por uma network de materiais heterogéneos, interagindo* (Law, 1992).

O próprio nome desta teoria *actor-network* visa sugerir que o próprio actor é uma *network*. Contudo, e porque a palavra *actor* contém muito de *humano*, há quem refira que o termo mais correcto para representar esta *network* estabilizada e ordenada de materiais heterogéneos interagindo é *actant* (Goguen, 2000).

II.4 – A materialidade relacional e a performatividade

Com base nos dois aspectos focados anteriormente, surgem dois conceitos importante defendidos pela TAN. O primeiro é o conceito de *materialidade relacional* que defende que tudo é constituído em interacção. Nada tem existência definida fora destas interacções. Um exemplo pode ser uma bicicleta: só tem “vida” quando em *network*. Só existe quando em relação com os outros. O outro conceito é o de *performatividade*, que é um conceito semelhante ao anterior, mas que apela mais ao sentido de acção. Voltando novamente ao exemplo da bicicleta: ela não se constrói a si própria – as suas formas não são independentes das relações em que está envolvida, do terreno, das características do corpo humano, etc. A bicicleta só tem a característica de deslocamento, só tem *performatividade*, quando em *network*.

II.5 – Punctualization ou reificação de processos

Por uma questão de comodidade, nós, seres humanos, ou melhor, *actants*, tendemos a reificar o mundo que nos rodeia. Se dizemos que vamos para a faculdade, temos na nossa mente uma imagem física de faculdade. Sempre que vamos para a faculdade não nos pomos a pensar na *network* ou *networks* que a constituem, tudo por uma questão de comodidade. Tudo porque nós não conseguimos lidar com a noção de uma ramificação de *networks* infinita.

Ou seja, é tudo um processo de simplificação (Law, 1992). Simplificação em prol da comodidade.

Mas porque é que as *networks* aparecem assim dissimuladas à vista? E porque é que às vezes não aparecem? Por exemplo um automóvel: para um utilizador normal, o automóvel é (de forma muito resumida) um bloco com 4 portas, alguns pedais, uns quantos botões, e um motor ligado às rodas. Mas quando o automóvel avaria, o tal utilizador “normal” transforma-se num mecânico de improviso e toma consciência de que o automóvel é muito mais do que ele tende a fazer dele.

Os autores da TAN falam deste processo como *punctualization* e referem que a simplificação ocorre quando uma *network* actua como um bloco isolado. Nesse instante, a forma, o processo como o efeito é gerado torna-se invisível e irrelevante. Mas esta simplificação é precária uma vez que visa representar um todo, uma *network*, que está continuamente em alteração, que é um processo, e como tal está continuamente a alterar a sua forma (Law, 1992). Imagine-se um filme. Um filme é constituído por milhares de fotos em sequência. Se analisarmos uma dessas fotos, podemos dizer que ela representa uma *punctualization* do filme, ou melhor, representou, dado que uma vez transmitida essa foto, a mesma passou automaticamente a ser uma representação desactualizada do filme, ou seja uma representação ou *punctualização* precária.

Outro aspecto curioso, é a constatação de que as *networks*, ordenadas e estabilizadas, com que mais nos deparamos no nosso dia a dia, são aquelas que são mais susceptíveis de serem *punctualizadas*. E curiosamente são estas que vão servir de base, de reserva – *punctualized resources* – a outras *networks* (Law, 1992). Vão ser estas *punctualizations* que vão ser o elo entre diferentes *networks*. Por exemplo, um computador é uma *network*. Contudo, este mesmo computador é referenciado noutras *networks* (por exemplo no caso acima citado deste próprio trabalho) não como uma *network*, mas sim como algo palpável, algo reificado.

II.6 – O processo de *Translation*

A TAN considera que tudo é um processo. Esta teoria defende que nada pode ser alcançado de uma vez por todas. Imagine-se uma caminhada rumo à linha do horizonte. A linha existe, está “lá”, mas quando chegamos “lá”, depará-mos com uma “nova” linha do horizonte e a caminhada continua, indefinidamente. Assim sendo, nenhuma versão da ordem social, nem de organização, nem nenhum agente está ou estará alguma vez completo, autónomo e final. Qualquer estrutura está constantemente a construir-se e a reconstruir-se a si própria. Isto vem contradizer os ditadores, pois afirma a não existência da “ordem social”, com um centro único ou um conjunto único de relações estáveis. Pelo contrário, há ordens e também, resistências (Law, 1992).

Todos os actores, humanos e não humanos, têm as suas próprias preferências. Todos oferecem resistência à mudança, a um processo de ordenação. Assim, qualquer esforço para ordenar algo encontra os seus limites e tenta “combate-los” e ultrapassa-los. Tenta derrubar a resistência características de todos os actores. Por outro lado, estes

mesmos materiais heterogéneos, quando ordenados, são ainda susceptíveis de promoverem a sua desagregação e seguirem as suas próprias tendências (Law, 1992).

A esta “batalha” *pro*-ordenação, a TAN denomina como *translation*. *Translation* é assim o processo pelo qual é efectuado uma organização, ordenação e manutenção num todo estável, dos diferentes materiais constituintes de uma *network*. Se calhar, em lugar de *translation* o termo correcto seria *networking*. Este processo de ordenação envolve o arranjo de elementos heterogéneos. Caso não fossem ordenados, estes materiais seguiriam as suas próprias tendências e nunca seriam gerados *efeitos* como aparelhos, instituições, organizações, etc.

Vai ser este processo de *translation* que vai dar origem ao aparecimento de *punctualizations*. Deve contudo referir-se que estas *punctualizations* vão ser precárias (Law, 1997) e vão surgindo ao longo do processo de *translation*, pois uma vez que este processo é um continuum, nunca estando terminado, as *punctualizations* geradas vão necessitar de actualizações constantes para que permaneçam válidas. Se imaginarmos uma corrida rumo ao horizonte, e formos tirando fotografias aos participantes nessa corrida em diferentes instantes, podemos dizer que a fotografia correspondente ao instante mais recente é a *punctualization* mais válida. Contudo nenhuma delas consegue representar o estado final da corrida, pois esta é um *processo* que não tem fim.

II.7 – Os materiais e as estratégias de *translation*

Apesar de se admitir a existência de uma série de estratégias de *translation* coexistindo e interagindo umas com as outras, admite-se que estas estratégias, tal como todo o processo de *translation*, ocorrem de forma empírica, sendo contingentes, locais e variáveis. Contudo, há certos aspectos relacionados com o processo de *translation* que devem ser salientados.

Assim, pode-se em primeiro lugar referir aquilo que *Latour* (1987) denomina por “*immutable mobiles*”, visando designar os materiais que desempenham papéis importantes na construção e reconstrução de *networks*. O que ele defende é que este processo é função do deslocamento destes “móveis imutáveis”.

Porquê móveis, e porquê imutáveis?

Imutáveis porque permitem manter a sua identidade, não se desintegrando ao longo da “viagem”. *Móveis* porque ao serem deslocados de um lado para o outro,

permitem que uma *network* produza efeitos em diferentes contextos de tempo e de espaço (1).

Como exemplo de um *móvel imutável* pode-se indicar o astrolábio: este pequeno aparelho, utilizado pelos Portugueses aquando da época dos descobrimentos, constitui ele próprio uma *network*, um produto de uma *network*, e devido às suas características de mobilidade e imutabilidade, permitiu a produção de efeitos noutros contextos de aplicação, noutras *networks* (Law, 1996).

Imagine-se agora um discurso. Um discurso dura pouco tempo. Contudo, se for passado para texto, ou gravado - *inscrito* num material mais durável e com características de mobilidade- o seu tempo de “vida” aumentará (Law, 1997). Assim sendo, John Law (1992) aponta como sendo uma boa estratégia de ordenação é dar corpo, *embody*, um conjunto de relações num material durável.

Resumindo, podem-se apontar duas características essenciais aos materiais para que uma ordenação permaneça estável durante mais tempo: *durabilidade*, ou ordenação ao longo do tempo e *mobilidade* ou ordenação ao longo do espaço.

Para além destes aspectos relacionados com os materiais, John Law (1992) salienta ainda que o processo de *translation* é mais efectivo se conseguir antecipar as respostas e as reacções do material a ser *ordenado*. Este aspecto, que tem por bases um certo *determinismo*, visa focar o que Latour (1987) denomina por *centros de translacção*. Estes centros são locais que permitem um certo *controlo e actuação* à distância, promovendo assim uma ordenação e estabilização mais “eficaz” dos elementos de uma *network*.

Na minha opinião, devido a este carácter determinista dos *centros de translacção*, e uma vez que para que o tal controlo e actuação à distância aconteçam, se tem de ter uma *punctualization* daquilo sobre o qual se vai actuar, talvez o nome mais correcto fosse *centros de translacção pontualizada*, pois acaba-se por fazer uma *punctualization* do próprio processo de *translation*.

Outro aspecto que deve ser referido é o denominado *ponto obrigatório de passagem* (Callon, 1986). Este aspecto tende a retractar o facto de que há situações em que a existência de certos actores em determinadas *networks* é vital para uma maior estabilização e ordenação das mesmas no tempo. Por exemplo, no caso do futebol, a *Liga de Clubes* é um ponto obrigatório de passagem, pois foi criada pelos clubes de futebol, e actualmente qualquer clube de futebol, para estar inserido nas grandes competições nacionais tem de estar inscrito neste organismo. Este organismo

desempenha não só funções de organização de eventos desportivos mas também de representação dos clubes face a outros organismos. A existência deste organismo simplifica a organização de um todo. Tornou-se um *ponto obrigatório de passagem*.

A questão do *ponto obrigatório de passagem* pode contudo ser posta em sentido oposto, ou seja: imagine-se uma empresa na qual um dos trabalhadores desempenha uma função vital para o bom funcionamento da empresa. Esta função é desempenhada unicamente por este funcionário e ninguém mais a sabe realizar. Este funcionário tornou-se um *ponto obrigatório de passagem*. Mas neste caso, a existência de um *ponto obrigatório de passagem* não apresenta características de estabilidade para a *network*. Bem pelo contrário, a *network* empresa, permanece numa dependência, ou instabilidade, constante.

III – A teoria actor-network e o conceito de organização

Os principais contributos da TAN para o conceito de organização, encontram-se implícitos ao longo da descrições das principais linhas base desta teoria. Contudo, e por uma questão de apresentação do trabalho, vou enumerar de forma breve as características que a TAN considera inerentes a uma organização. Assim, deve-se em primeiro lugar partir do princípio que uma organização enquanto entidade reificada não existe. Tudo o que existe são *punctualizations* precárias de uma *network* de materiais heterogéneos, que é um processo, um continuum.

Deve-se também considerar que numa organização não há distinção na *natureza* dos diferentes elementos que a constituem. Todos são, à partida, susceptíveis de explicarem o porquê da organização ser assim e não ser de outra forma. A hierarquia não existe na ordem natural das coisas. E se uma organização tem uma estrutura hierárquica, então a TAN pretende analisar como é que o processo de implementação desta hierarquia ocorreu.

Outro aspecto a ter em conta é que todos os elementos, ou todos os actores, de uma organização, só existem em função dos outros. Não há existências isoladas. Não existem humanos e não-humanos distintamente. Tudo o que existe são actores, ou melhor, *actants*. E todos os *actants* são *networks* ou, e, *efeitos de networks* constituídas por materiais heterogéneos.

O processo pelo qual a organização é gerada, denomina-se por *translation*, embora neste caso específico de uma organização, o mesmo possa ser denominada por *organizing*. Este processo visa uma ordenação e estabilização dos diferentes materiais heterogéneos, das diferentes *networks* que constituem a organização que é, ela própria, uma *network*.

Englobando todas estas características atrás apresentadas, pode-se dizer que a teoria actor-network conduz a um conceito de organização *homogéneo*. Homogéneo no sentido em que não há distinção entre humanos e não-humanos. Assim, há quem denomine as organizações como *Cyborgorganizações*, em que este termo visa representar precisamente a junção, ou a não-distinção, entre o humano e a tecnologia. No meu entender, este termo não chega para representar as organizações do ponto de vista da TAN uma vez que ele engloba apenas a parte humana e a parte tecnológica, deixando de fora todos os outros aspectos de carácter não-humano e não-tecnológico como condicionantes meteorológicas, animais, etc. Talvez em lugar de *Cyborgorganizações* fosse correcta a aplicação do termo *Actantorganizações*, para representar as organizações segundo o ponto de vista da teoria actor-network.

IV – Conclusões

Neste trabalho foram focados os aspectos que estão na base da teoria actor-network, tentando-se, sempre que possível acompanhá-los de exemplos do “dia a dia” por forma a que os mesmos fossem de fácil compreensão e interpretação. Sempre que algum dos aspectos não apresentava uma “clareza” suficiente, ou era, na minha opinião, susceptível de ser rebatido, apresentei os contra-argumentos que justificam a minha opinião.

Por fim, efectuou-se uma síntese de todas as ideias apresentadas, centradas no conceito de organização, concluindo-se que uma organização, segundo o ponto de vista da teoria actor-network, deverá ser denominada por *actantorganization* em que este termo visa representar a *network* de *networks* organizadas e estáveis de materiais heterogéneos constituintes da organização.

V – Referências bibliográficas

(1) – Notas retiradas numa aula de Fundamentos de Gestão, do Mestrado em Gestão de Informação, leccionada pelo professor Manuel Graça, em 8 Janeiro de 2001

Callon, M. The Sociology of an Actor-Network: The Case of the Electric Vehicle, in Callon, M.; Law, J.; Rip, A., 1986 *Mapping the Dynamics of Science and Technology: Sociology of Science in the Real World*, London: The Macmillan Press

Goguen, J., 2000 *Social Theories of Technology and Science – course outline*, 6, [<http://www.cs.ucsd.edu/users/goguen/courses/275/s6.html>][07/02/2001][14:14]

Law, J., 1992, Notes on the Theory of the Actor-Network: Ordering, Strategy, and Heterogeneity, *Systems Practice*, 5 (4): 379-393

Law, J., 1996 On the methods of long-distance control: vessels, navigation and the Portuguese route to India, in Law, J. (ed.) *Power, Action and Belief: A New Sociology of Knowledge?* London: Routledge & Kegan Paul, Sociological Review Monograph: 234-63

Law, J. 1997, *Traduction/Trahison – Notes on ANT* [<http://www.comp.lancs.ac.uk/sociology/stslaw2.html>][08/02/2001][13:55]

Latour, B., 1987, *Science in Action*, Cambridge, MA: Harvard University Press